

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

# EDUCAÇÃO E REALIDADE

v. 8  
n. 3  
Setembro/Dezembro, 1983  
Porto Alegre  
ISSN 0100-3143

Educ. e Real.	Porto Alegre	v. 8	n. 3	p. 1-102	set./dez. 1983
---------------	--------------	------	------	----------	----------------

*DESENVOLVIMENTO DE UMA MEDIDA DE  
AUTOCONCEITO EM PORTUGUÊS \**

*Suelen L. Crano\*\**  
*William D. Crano\*\*\**  
*Ângela Maria Brasil Biaggio\*\*\*\**

*RESUMO*

Este é um trabalho metodológico, no campo da psicometria, visando a adaptação de uma escala de medida do autoconceito (Janis e Field) para o português. O Estudo 1 aqui relatado descreve o procedimento adotado para tradução e cálculo de fidedignidade do instrumento traduzido, tendo-se obtido um alpha de 0,86 com uma amostra de 286 estudantes do Colégio de Aplicação da UFRGS. O grau de fidedignidade de cada item foi também verificado através da técnica de correlação item-escore total. O Estudo 2 relata a pesquisa em que se verificou a validade do instrumento, através das relações entre categorizações que professores fizeram do autoconceito dos alunos e escores no referido instrumento de medida.

Desde a década de 1960 o autoconceito vem sendo considerado um fator cada vez mais importante para o sucesso escolar e para o desenvolvimento social (Bledsoe, 1967; Brookover, Patterson, e Thomas, 1964, Campbell, 1967; Fink, 1962; Labenne e Greene, 1969; Purkey, 1970; Wylie, 1974). Embora as definições de autoconceito variem, a maior parte dos teóricos concorda que 1) o autoconceito consiste de um conjunto de atitudes e crenças inter-relacionadas que um indivíduo tem a respeito de si próprio, 2) estas crenças são um produto de interação social, 3) elas estão organizadas hierárquica e sistematicamente, de

---

\*Os autores agradecem ao Professor José Suarez, a Rosa Maria Py Moreira Linck, Angela Moreira Linck e ao Professor Paulo Schütz, por sua cooperação na tradução da escala de auto-conceito. Além disso, agradecem à professora Vera Pires Morais, Sofia Tetelbom e Jussará Lummertz pela assistência na aplicação do instrumento.

\*\*Especialista em Educação.

\*\*\*Doutor em Filosofia; Michigan State University; professor visitante da Faculdade de Educação da UFRGS.

\*\*\*\*Doutor em Psicologia; Professora do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.

forma que 4) os componentes mais centrais da estrutura são mais resistentes à mudança, mas 5) dada a natureza dinâmica do sistema, mudanças em um aspecto podem levar a mudanças em outros aspectos. A manutenção e aprimoramento do autoconceito constituem uma força motivadora para muito comportamento social (Allport, 1966; Epstein, 1973; Combs e Snygg, 1959; Labenne e Greene, 1969; Rogers, 1959 a, b).

## 1. AUTOCONCEITO E SUCESSO ESCOLAR

As implicações do autoconceito para a educação são inúmeras. Por exemplo, nos últimos vinte anos nos Estados Unidos, os educadores têm tido cada vez mais certeza de que existe uma relação positiva entre o autoconceito e o desempenho escolar. Muitos educadores acreditam igualmente que os estudantes que têm confiança em si mesmo e em sua capacidade têm mais probabilidade de ter sucesso escolar do que aqueles que se percebem de forma negativa. Numa posição extrema, Brookover, Erickson, e Joiner (1967) concluíram que as atitudes que os estudantes têm em relação a si próprios (i.e., seus autoconceitos) predizem melhor o sucesso escolar do que sua capacidade intelectual (QI) o fazia.

Em outro estudo, Brookover, Patterson e Thomas (1964) correlacionaram os conceitos que os estudantes tinham a respeito de sua capacidade acadêmica com seu desempenho escolar e com QI. Quando o QI foi mantido constante (estatisticamente), os pesquisadores ainda assim encontraram uma relação significativa entre autoconceito e desempenho escolar.

Outras pesquisas têm fornecido resultados consistentes com esses (Campbell, 1967; Caplin, 1966; Gill, 1969; Irwin, 1967). Shaw, Edson e Bell (1960) estudaram as diferenças entre as percepções de si próprio de estudantes de bom desempenho e estudantes de desempenho fraco e concluíram que os rapazes de bom desempenho tinham percepção mais positivas de si mesmo do que os de desempenho fraco. Em estudo semelhante, Fink (1962) concluiu que há uma relação significativa entre autoconceito e insucesso escolar, e esta relação se mostrou maior para meninos do que para meninas. Estes estudos sugerem que escores em autoconceito são mais preditivos do sucesso escolar de sujeitos do sexo masculino do que sujeitos do sexo feminino. Este resultado poderia ser devido em parte à possibilidade da amplitude dos escores dos sujeitos de sexo feminino ser mais restrita do que a dos sujeitos de sexo masculino. Esta restrição na amplitude enfraqueceria as correlações entre variáveis relativas a autoconceito e outras variáveis (Crano e Brewer, 1973).

## 2. ESTUDANTES DE SUCESSO E ESTUDANTES SEM SUCESSO

Tem sido concluído em vários estudos (Davidson e Greenberg, 1967); Farquhar, 1968; Gowan, 1960; Williams e Cole, 1968) que os estudantes de sucesso têm autoconceito positivos. Brookover, Erickson e Joiner (1967) verificaram que o autoconceito a respeito da capacidade está significativamente relacionado com sucesso na escola, e que esta relação persiste ao longo do tempo, mesmo se a inteligência for mantida constante. Ele concluiu que o autoconceito referente à capacidade é um preditor poderoso do sucesso acadêmico.

Outras pesquisas nessa área têm demonstrado que os estudantes de sucesso são aqueles que têm uma opinião positiva sobre si mesmos, são otimistas com relação a seu desempenho futuro, e têm confiança em sua capacidade acadêmica em geral (Brookover, 1969; Ringness, 1961; Taylor, 1964). Com base nestes estudos, pode-se supor, com confiança, que estudantes de sucesso caracterizam-se por ter autoconceito positivo. O oposto geralmente se verifica com os estudantes sem sucesso.

A maioria dos estudos com estudantes sem sucesso tem focalizado os que têm um desempenho inferior ao esperado, («under-achievers») enquanto que outros têm examinado os que não têm desempenho adequado («nonachievers»). Ambos os tipos de estudo, no entanto, apóiam a conclusão de que tais estudantes percebem a si mesmo de maneira diferente, e não positiva, quanto os estudantes de sucesso (Goldberg, 1960; Shaw, 1961; Taylor, 1964). Estudos confirmando que os alunos que se saem mal tem autoconceito negativos são numerosos. Goldberg (1960) mostrou que os estudantes que têm desempenho inferior percebem a si próprios como menos capazes de completar tarefas, menos entusiásticos para aprender, menos autoconfiantes e menos trabalhadores. Shaw (1961) concluiu que os estudantes de desempenho inferior são mais negativos a respeito de si mesmo do que os que se saem bem, e se comportam também de maneira menos amadurecida. Da mesma forma, Bruck e Bodwing. (1962) encontraram uma relação positiva entre dificuldades de aprendizagem, autoconceito inferior, e comportamento imaturo. Combs (1963) examinou a relação entre autopercepções e desempenho acadêmico inferior, e verificou que os estudantes de desempenho inferior vêem-se a si próprios como menos capazes, e não tão aceitáveis aos outros. Durr e Schamatz (1964) concluíram que os estudantes de desempenho inferior eram mais tímidos, e não tinham um sentido de significado pessoal. Resultados semelhantes têm sido relatados com relação aos estudantes que não têm desempenho adequado (Carlton e Moore, 1966; Harding, 1966; Zimmerman e Allebrand, 1965). A partir desta evidência é razoável supor-se que os estudantes que não têm sucesso são acometidos por sentimentos negativos a respeito de si próprios e de sua capacidade.

Com base em resultados deste tipo, é claro que o autoconceito pode ter um impacto considerável sobre o desempenho acadêmico. Assim, medir o autoconceito deveria ser considerado uma preocupação importante para os educadores.

### 3. MEDINDO O AUTOCONCEITO

Ao longo dos anos, três enfoques principais foram desenvolvidos para medir o autoconceito; auto-relatório, observações comportamentais, e técnicas projetivas. Em linhas gerais, as técnicas projetivas não têm resistido a um estudo crítico de sua fidedignidade e validade, e portanto não serão discutidas aqui (Ver Kidder e Campbell, 1970).

As observações comportamentais têm sido empregadas com sucesso na medida do autoconceito, mas elas envolvem muito tempo e custo em termos das operações de medida, e são em geral não-cumulativas. Isto quer dizer que a maior

parte dos estudos de observação tipicamente utilizam definições idiossincráticas de autoconceito, e assim, um acervo de medidas observacionais fidedignas do autoconceito não criou (Carbonara, 1961; Combs, 1965; Purkey, 1970; Wylie, 1974).

Sem dúvidas, o meio mais largamente utilizado para medir o autoconceito é através de técnicas de auto-relatório, nas quais o autoconceito é inferido a partir das respostas da pessoa a perguntas de natureza introspectiva. Dentre os inúmeros meios utilizados para se obter auto-relatório introspectivos do autoconceito, o enfoque de escalas padronizadas fornece aos pesquisadores o melhor método de todos para desenvolver medidas fidedignas e válidas. (Ver Wylie 1971, para uma análise crítica de muitas das medidas padronizadas de autoconceito). A proliferação de medidas objetivas atesta o fato de que muitas têm sido usadas apenas uma ou duas vezes, sem qualquer tentativa de validação. Como Wylie (1974) observa, isto conduz a uma situação em que a «interpretação de estudos isolados e sínteses significativas são... impedidas».

#### **4. A ESCALA REVISADA JANIS-FIELD**

Algumas exceções a essas críticas são fornecidas pelas escalas de autoconceito desenvolvidas por Eagly (1967), Coopersmith (1967), Rosenberg (1965), Janis e Field (1959), e Berger (1952), entre outras. A revisão de Eagly da escala Janis-Field foi escolhida para tradução para o português devido a suas qualidades psicométricas excepcionais, seu uso em larga escala com sujeitos em idade escolar, sua facilidade de aplicação e apuração, e a facilidade com que seus itens podiam ser traduzidos de maneira significativa para o português.

A escala revisada Janis-Field foi desenvolvida por Eagly (1967) para medir a auto-estima. Dez itens da escala de «sentimentos de inadequação» de Janis e Field (1959) foram usados como base para a revisão. Estes itens eram todos fraseados de forma que a resposta positiva (ex. muito freqüentemente, muito) indicava auto-estima baixa. Eagly acrescentou outros dez itens ao grupo original de dez. Estes itens novos eram escritos de tal forma que as respostas eram o oposto do original, isto é, uma resposta alta nos itens novos indicava auto-estima positiva. Os itens acrescentados não eram o oposto exato dos dez itens originais, mas eram muito semelhantes aos itens do inventário mais antigo de Janis-Field.

Todos os itens eram avaliados de forma que um escore alto indicasse auto-estima alta. Assim, itens fraseados de forma negativa eram avaliados reversamente. No uso original do inventário revisado, Eagly (1967) aplicou a medida a 144 estudantes de graduação, de sexo masculino. A fidedignidade (por divisão em metades) da escala de 20 itens foi 0,72; quando corrigida pela fórmula de Spearman-Brown, o coeficiente de fidedignidade do teste foi 0,84. Dados estes resultados bem como as outras qualidades positivas da escala Janis-Field, mencionadas acima, decidiu-se tentar traduzir e validar esta escala com uma amostra de estudantes brasileiros, cuja língua nativa era o português. Os dois estudos que se seguem descrevem a maneira pela qual a tradução e a validação foram feitas.

##### **4.1 ESTUDO 1**

#### 4.1.1 Método

*4.1.1.1 Tradução do instrumento.* A escalada revisada Janis-Field foi traduzida para o português por um grupo de brasileiros, que também falavam inglês fluentemente. O instrumento foi então traduzido de volta (para o inglês), e quaisquer discrepâncias reveladas na reversão da tradução foram resolvidas antes do instrumento ser considerado definitivo.

Conforme notado anteriormente, a medida consiste de vinte itens, dos quais dez são fraseados de forma positiva e dez de forma negativa. Os itens são apresentados em formato Likert, com cinco opções possíveis de resposta para cada item. Dez dos itens são relativos à frequência com que certos comportamentos relacionados a autoconceito são expressos pelos sujeitos. Assim, as opções de respostas para estes itens (de frequência) são “muitas vezes, com frequência, às vezes, raramente e quase nunca”. Os outros dez itens medem o grau em que os estudantes experienciavam várias reações internas a comportamentos relativos ao autoconceito. As opções de resposta para estes itens são “muitíssimo, muito, mais ou menos, um pouco, e muito pouco”, ou “muito bem, bem, mais ou menos, mal e muito mal”.

Os itens são avaliados em uma escala de um a cinco de forma que um escore alto indica um autoconceito mais positivo (Os itens fraseados de forma negativa recebem escores inversos). Assim, os escores podem variar desde 20 (baixo) até 100 (alto).

*4.1.1.2. Sujeitos.* Um total de 286 estudantes fez a versão em português da escala revisada Janis-Field. Os sujeitos eram alunos de uma escola secundária pública grande em Porto Alegre. Quase todos os alunos eram provenientes da classe média baixa de Porto Alegre e de diversos municípios de dentro e de fora do estado do Rio Grande do Sul. A idade dos sujeitos variava de 13 a 19 anos, e a idade média dos sujeitos era 15 e 17 anos. Quarenta por cento dos sujeitos era de sexo masculino e os restantes 60 por cento de sexo feminino.

*4.1.1.3. Procedimento.* Em sua sala de aula, pediu-se aos estudantes que preenchessem o teste, respondendo da maneira mais sincera possível, e pensando como eles geralmente se sentem. Outras informações (sexo e idade) também foram coletadas nessa ocasião. Depois de recolhidas, as escalas foram apuradas pelos pesquisadores.

#### 4.1.2. Resultados

Para todos os sujeitos para os quais os dados estavam completos ( $n = 276$ ), o escore médio na escala de 20 itens foi 67,2, com um desvio padrão de 11,15. Os escores variaram de um mínimo de 32 a um máximo de 94. A distribuição dos escores aproximou-se da normalidade (assimetria = 0,69, curtose = 0,52).

O cálculo do grau de consistência interna dos itens resultou em um coeficiente alpha de 0,86 para a escala total. Este grau de consistência interna é julgado como indicativo de um teste altamente fidedigno (Crano e Brewer, 1973). As correlações item-restante, bem como os itens de que se compõe a escala são apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1. Índices de fidedignidade de cada ítem (correlações item-restante).

ITENS	O Forma- to da Res- posta <sup>1</sup>	Corre- lações Item- Res- tante Estu- do <sup>1</sup>	Corre- lações Item- Restan- te Estu- do <sup>2</sup>
01. Quantas vezes você tem a sensação que não pode fazer nada direito?	1 a	0.54	0.47
02. Quantas vezes você se sentiu bem sucedido numa reunião social?	* 2 a	0.48	0.37
03. Quando tem que falar diante de uma aula ou diante de um grupo de pessoas de sua mesma idade, em geral, o quanto fica preocupado?	3 b	0.41	0.44
04. Quantas vezes você tem a sensação que pode fazer bem qualquer coisa?	* 4 a	0.51	0.43
05. O quanto você se preocupa das pessoas gostarem de estar com você?	5 b	0.12	0.21
06. Quantas vezes você se sente uma pessoa de sucesso?	* 6 a	0.47	0.43
07. Quantas vezes você se sente encabulado?	7 a	0.56	0.43
08. Quando fala diante de uma aula ou diante de um grupo de pessoas de sua mesma idade, o quanto satisfeito fica com a sua apresentação?	* 8 b	0.38	0.34
09. Quantas vezes você se incomoda por causa de sua própria timidez?	9 a	0.45	0.39
10. Como você se sente quando você começa a falar com um desconhecido?	* 10 c	0.38	0.26
11. Quantas vezes você se sente inferior à maioria das pessoas que conhece?	11 a	0.61	0.53
12. Que confiança você tem de que você vai ter sucesso na sua futura carreira?	12 b	0.43	0.27
13. Você alguma vez pensou que não valia nada?	13 a	0.55	0.47
14. Quando está numa discussão de aula, que confiança você tem em si mesmo?	14 b	0.59	0.56
15. O quanto você se preocupa em dar-se bem com as outras pessoas?	15 b	0.03	0.15
16. Quanta confiança você sente em si própria quando está entre desconhecidos?	* 16 b	0.43	0.49
17. Que confiança você tem em você mesmo de que algum dia, as pessoas que o conhecem irão admirá-lo e respeitá-lo?	17 b	0.36	0.25
18. Quantas vezes você sente que não gosta de si mesmo?	18 a	0.55	0.58
19. Você alguma vez se sentiu tão desiludido consigo mesmo que se perguntou se existe alguma coisa na vida que vale a pena?	19 a	0.38	0.50
20. Em geral, quanto você confia em suas próprias capacidades?	20 b	0.61	0.52

\*Se refere aos itens que foram avaliados de forma reversa.

<sup>1</sup> a = Muitas vezes; Com frequência; Às vezes; Raramente; Quase nunca.

b = Muito; Muito; Muito; Muito pouco.

c = Muito bem; Bem; Mais ou menos; Mal; Muito mal.

Como se vê nas correlações item-escore total de tabela 1, dois dos itens (5 e 15) correlacionam-se abaixo (embora significativamente) com o escore total. Removendo-se estes dois itens da análise da fidedignidade, no entanto, não houve influência apreciável sobre o coeficiente de consistência interna ( $\alpha = 0,87$ ). Assim, pouco se ganha abandonando estes itens.

Os resultados desta análise indicam que a tradução da escala Janis-Field do inglês para o português teve sucesso. Uma escala com alta fidedignidade, com poucos dados omitidos, e uma distribuição razoável dos escores foi obtida. Assim, pouco se ganha abandonando estes itens.

Os resultados desta análise indicam que a tradução da escala Janis-Field do inglês para o português teve sucesso. Uma escala com alta fidedignidade, com poucos dados omitidos, e uma distribuição razoável dos escores foi obtida. Assim, pelo menos em termos de fidedignidade da medida, o processo de tradução parece ter replicado com sucesso o instrumento original. Contudo, a questão da validade de escala traduzida permaneceria desconhecida, e é a este problema que se volta o Estudo 2.

## 4.2. ESTUDO 2

Esta investigação expande e replica a metodologia do Estudo 1, para fornecer informações psicométricas adicionais a respeito da fidedignidade e da validade da versão em português da escala. A técnica de «grupos contrastantes» (Crano e Brewer, 1973 Anastasi, 1972) é utilizada para se inferir a validade de construto. Detalhes deste processo de pesquisa são apresentados a seguir.

### 4.2.1. Método

*4.2.1.1. Sujeitos.* Nesta aplicação, um total de 195 sujeitos preencheu a versão em português da escala revisada Janis-Field. Os sujeitos estavam matriculados no segundo grau do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Os estudantes eram geralmente de famílias de classe média, e muitos eram filhos de professores que trabalham na Universidade. Os sujeitos variavam quanto à idade, dos 12 aos 17 anos. A idade média dos sujeitos era 14,4 anos. Cento e quatro dos sujeitos eram de sexo masculino, e 89 eram de sexo feminino.

*4.2.1.2. Procedimento.* Como no Estudo 1, a versão traduzida da escala revisada Janis-Field foi utilizada. Em suas salas de aula, seis turmas de estudantes (de 30 a 36 estudantes cada uma) receberam a escala de auto-conceito, junto com um conjunto de instruções simples para completar os 20 itens tipo Likert que compõem o instrumento. Pediu-se aos sujeitos que fossem tão sinceros quanto possível, e que respondessem a todas as questões. Os professores atribuíram números de identificação a cada estudante, a fim de assegurar a confidencialidade.

A fim de facilitar o estudo da validade de construto do instrumento, os seis professores foram solicitados a categorizar seus estudantes em um dos três níveis de autoconceito: alto, médio ou baixo. Os professores foram instruídos a colocar aproximadamente números iguais de estudantes de suas turmas em cada um destes três grupos. Esta instrução foi dada a fim de ajudar a padronização do procedimento de avaliação para os seis professores, isto é, assegurar que eles todos usassem a mesma escala de avaliação. Este processo de padronização ajuda a evitar algumas das influências distorcedoras que um sistema menos restritivo de avaliação poderia introduzir. (Ver a discussão desse problema por Messé, Crano, Messé e Rice, 1979). Assim, cada grupo de 30 a 36 estudantes foi subdividido em três grupos, cada um contendo 10 a 12 estudantes com autoconceitos médios, e 10-12 com autoconceitos baixos e 10 a 12 com autoconceitos altos.

#### 4.2.2. Resultados

Para todos os sujeitos para os quais os dados estavam completos ( $n = 192$ ), o escore médio nos 20 itens foi 71,30, com um desvio padrão de 9,01. Os escores variavam de um mínimo de 39 a um máximo de 91. A distribuição dos escores aproximou novamente a curva normal (assimetria = -0,51, curtose = 0,75).

Os testes psicométricos comumente usados para verificação da consistência interna do conjunto de cada item foram realizados, e resultaram em um coeficiente de consistência interna bastante alto ( $\alpha = 0,83$ ). As correlações ítem-restante para este conjunto de dados é apresentada na coluna final da Tabela 1. Como se vê, os itens 5 e 15 correlacionaram-se baixo (porém significativamente) com o escore no restante do teste, como no Estudo 1. Removendo-se estes dois itens, pouco se ganha em termos da consistência interna ( $\alpha = 0,84$ ).

Análises correlacionais foram executadas para se verificar a relação entre as estimativas que os professores fizeram dos autoconceitos dos estudantes e os escores obtidos pelos mesmos na escala revisada Janis-Field. Um coeficiente de correlação de 0,32 ( $p < 0,001$ ) foi obtido com esta análise. Esta correlação positiva e significativa indica que a escala reflete com exatidão as estimativas que os professores fazem dos escores de autoconceito de seus alunos.

Comparando-se os escores médios em autoconceito, dos estudantes de cada um dos grupos definidos pelos professores revela-se um resultado consistente com o da análise correlacional. Para todos os seis professores, o escore médio de autoconceito dos alunos avaliados no terço inferior da classe foi 67,49; o escore médio do grupo do meio (definido pelos professores) foi 71,14; e o escore médio em autoconceitos dos estudantes para os quais se estimou terem o autoconceito mais alto foi de 74,81. Contrastes planejados entre estes escores médios revelaram que os escores na escala, do grupo com autoconceito alto (conforme definido pelos professores) foram significativamente maiores do que os do grupo do meio ( $t = 2,37$ ;  $gl = 188$ ,  $p < 0,02$ ), que por sua vez foram significativamente mais altos do que os avaliados pelo professor como tendo autoconceito baixos ( $t = 2,48$ ,  $gl = 188$ ,  $p < 0,02$ ).

### 4.3. DISCUSSÃO

O papel importante do autoconceito em educação tem sido claramente demonstrado em pesquisas executadas nos últimos 20 anos. Poderia haver pouca dúvida de que o nível de autoconceito do estudante tem relação com seu desempenho escolar. Como tal, é importante que os educadores prestem atenção a este aspecto psicológico crucial de seus alunos. Eventualmente, parece inevitável que programas educacionais focalizarem não apenas resultados de aprendizagem, mas também técnicas que elevam e reforçam o autoconceito dos estudantes. Acreditamos que tais programas terão mais sucesso do que tentativas anteriores porque eles não se concentrarão unicamente em técnicas situacionais para aprimorar o processo de aprendizagem, o que é geralmente o foco dos programas educacionais de hoje. Em vez disso, eles enfatizarão também a importância do estado psicológico do aluno como determinante do resultado do programa educacional.

Obviamente, uma transformação deste tipo na educação levará tempo, e várias condições prévias devem ser satisfeitas antes que um programa de aprendizagem centrado no estudante possa ser iniciado com sucesso. O primeiro passo neste processo é a construção de instrumentos que possam fornecer uma indicação razoável do status psicológico do aluno. Os resultados desta investigação sugerem que a escala revisada Janis-Field, que dá informação sobre o autoconceito do respondente, está disponível aos educadores de estudantes que falam português.

No desenvolvimento deste instrumento tomou-se cuidado para assegurar que a tradução do inglês para o português fosse adequada, e que a fidedignidade e validade dos itens traduzidos fossem de magnitude aceitável. O estudo 1 focalizou o primeiro critério- a adequação da tradução. Os resultados deste estudo indicaram que a tradução teve sucesso. Primeiramente, nem os estudos tiveram dificuldade em compreender o significado dos itens, nem de preencher a escala. Os dez sujeitos do Estudo 1 que não completaram a escala só omitiram um item, e isto sugere negligência e não falta de compreensão, especialmente porque itens diferentes foram omitidos por cada um dos sujeitos. Além disso, e talvez de maior importância, as inter-relações entre os 20 itens foram fortes e positivas. O alto índice de consistência interna ( $\alpha = 0,86$ ) obtido neste estudo atesta este fato. O resultado sugere fortemente que todos os itens medem uma mesma atitude.

O estudo 2 dirigiu-se, em parte, à identificação desta atitude. Isto é, enquanto a fidedignidade do instrumento foi demonstrada no primeiro estudo, o Estudo 2 preocupou-se, além disso, com a questão do que estava sendo medido fidedignamente. Usando uma técnica de «grupos contrastantes» (Ver Crano e Brewer, 1973) para validar o instrumento, o Estudo 2 pedia aos professores para fornecer estimativas do autoconceito de cada um dos estudantes que preencheram o inventário. Nós supomos que tendo trabalhado com os alunos por quase todo um ano escolar, os professores poderiam fornecer uma indicação válida do autoconceito de cada aluno. Se os resultados da escala espelhassem as avaliações dos professores, a evidência da validade do instrumento estaria demonstrada. Como indicado na seção Resultados do Estudo 2, a escala forneceu uma

indicação bem exata das avaliações dos professores. O autoconceito médio dos escores dos estudantes avaliados no terço superior de cada classe (em termos de autoconceito) foram significativamente mais altos do que os de estudantes avaliados no terço intermediário, e os escores do grupo intermediário excederam os dos alunos considerados pelos professores no terço mais baixo (em termos de autoconceito).

Como poderia ser esperado, com base nestes resultados, a fidedignidade; (consistência interna) da escala no Estudo 2 foi alto (coeficiente alpha = 0,83), replicando assim os resultados do primeiro estudo.

No total, os resultados dos Estudos 1 e 2 sugerem claramente que este programa de pesquisa permitiu o desenvolvimento de uma versão em português da escala revisada Janis-Field para medir autoconceito. A versão da escala, reproduzida na Tabela 1 deste trabalho parece ser um indicador tanto fidedigno como válido do autoconceito. Espera-se que esta escala facilitará o desenvolvimento de programas educacionais que reconheçam o papel crucial do autoconceito do estudante na aprendizagem. Se esta escala for usada em pesquisa e desenvolvimento educacional deste tipo, terá servido um objetivo muito útil para a educação no Brasil.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. ALLPORT, G. W. *Pattern and growth in personality*. New York, Hoet, Rinehart & Winston, 1966.
02. ANASTASI, Anne. *Testes psicológicos*. São Paulo, Herder, EDUSP, 1974.
03. BERGER, E.M. The relation between expressed acceptance of self and the expressed acceptance of others. *Journal of Abnormal and Social Psychology*. Boston, 47(4): 778-82, Oct. 1952.
04. BLEDSOE, J. Self-concept of children and their intelligence, achievement, interests and anxiety. *Childhood Education*, London, 43: 436—8, 1967.
05. BROOKOVER, W.B. *Self-concept and achievement*. Trabalho apresentado na American Educational Research Association Convention, Los Angeles, 1969.
06. BROOKOVER, W.B.; ERICKSON, E.L.; JOINER, L.M. *Self-concept of ability and school achievement*; III: relationship of self-concept to achievement in high school. East Lansing, Office & Research and Publications, Michigan State University, 1967. U.S.O.E. Project N° 2831.
07. BROOKOVER, W.B.; PATTERSON, A.; THOMAS, S. Self concept of ability and school achievement. *Sociology of Education*, Albany, 37:271—8, 1964.
08. BRUCK, M. & BODWING, R.F. The relationship between self-concept and the presence and absence of scholastic underachievement. *Journal of Clinical Psychology*, Burlington, 18(2):181-2, Apr. 1962.
09. CAMPBELL, P.B. School and self-concept. *Educational Leadership*, Washington, 24:510-5, 1967.
10. CAPLIN, M.D. The relationship between self-concept and academic achievement and between level of aspiration and academic achievement. *Dissertations Abstracts*, Ann Arbor, 27:979—A, 1966.
11. CARBONARA, N.T. *Techniques for observing normal child behavior*. Pittsburgh, University of Pittsburgh Press, 1961.
12. CARLTON, L. & MOORE, R.H. The effects of self-directive dramatization on reading achievement and self-concept and culturally disadvantaged children. *Reading Teacher*, Newark, 20:125-30, 1966.
13. COMBS, A.W. *The professional education of teachers; a perceptual view of teacher preparation*. Boston, Allyn & Bacon, 1965.

14. COMBS, A.W. & SNYGG, D. *Individual behavior*. 2. ed. New York, Harper & Row, 1959.
15. COMBS, C.F. A study of relationship between certain perceptions of self and scholastic under achievement in academically capable high-school boys. *Dissertation Abstracts*, Ann Arbor, 24:620, 1963.
16. COOPERSMITH, S. *The antecedents of self-esteem*. São Francisco, W.H. Freeman, 1967.
17. CRANO, W.D. & BREWER, M. *Principles of research in social psychology*. New York, McGraw-Hill, 1973.
18. DAVIDSON, H.H. & GREENBERG, J.W. *School achievers from a deprived background*. New York, The City College of the C.U.N.Y., 1967. U.S.O.E. Project N° 2805.
19. DURR, W.K. & SCHAMATZ, R.R. Personality differences between high-achieving and low achieving gifted children. *Reading Teacher*, Newark, 17:251-4, 1964.
20. EAGLY, A.H. Involvement as a determinant of response to favorable and unfavorable information. *Journal of Personality and Social Psychology*, Boston, 7(3):1-15, Nov. 1967.
21. EPSTEIN, S. The self-concept revisited: or a theory of a theory. *American Psychology*, Washington, 28(5): 404-16, May 1973.
22. FARQUHAR, W.W. *A comprehensive study of the motivational factors underlying achievement of 11th grade high-school students*. East Lansing State University, 1968. U.S.O.E. Cooperative Research Report N° 846.
23. FINK, M.B. Self-concept as it relates to academic achievement. *California Journal of Education Research*, 13:57-62, 1962.
24. GILL, M.P. *Pattern of achievement as related to the perceived self*. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the American Educational Research Association Convention, Los Angeles, 1969.
25. GOLDBERG, M.L. Studies in underachievement among the academically talented. In: FRAZIER, ed. *Freeing capacity to learn*. Washington, ASCD, NEA, 1960, p. 40-5.
26. GOWAN, J.C. Factors of achievement in high school and college. *Journal of Counseling Psychology*, Columbus, 7(2): 91-5, Summer 1960.
27. HARDING, K.L. *A comparative study: Caucasian male, high-school students who stay in school and those who drop out*. East Lansing, Michigan State University, 1966. Tese dout.
28. IRWIN, F.S. Sentence completion responses and scholastic success of failure. *Journal of Counseling Psychology*, Columbus, 14:269-71, 1967.
29. JANIS, I.L. & FIELD, P.B. The Janis-Field Feelings of Inadequacy Scale. In: JANIS, I.L. & HOULAND, C.F., ed. *Personality and Persuasibility*. New Haven, Yale University Press, 1959.
30. KIDDER, L.H. & CAMPBELL, D.T. The indirect testing of social attitude. In: SUMMERS, G.F., ed. *Attitude measurement*. Chicago, Rand McNally, 1970.
31. LABENNE, W.B. & GREENE, B.I. *Educational implications of self-concept theory*. California, Goodyear, 1969.
32. MESSÉ, L.A.; CRANO, W.D.; MESSÉ, S.R.; RICE, W. Evaluation of the predictive validity of tests of mental ability for classroom performance in elementary grades. *Journal of Educational Psychology*, Baltimore, 71:233-41, 1979.
33. PURKEY, W.W. *Self-concept and school achievement*. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1970.
34. RINGNESS, T.A. Self-concept of children of low average, and high intelligence. *American Journal of Mental Deficiency*, Washington, 65:453-61, 1961.
35. ROGERS, C.R. *Counseling and psychotherapy: theory and practice*. New York, Harper & Row, 1959a.
36. ——. A theory of therapy, personality and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. In: KOCH, S., ed. *Psychology: the study of a science*. New York, McGraw-Hill, 1959b.
37. ROSENBERG, M. *Society and the adolescent self-image*. Princeton, Princeton University Press, 1965.
38. SHAW, M. C. Definition and identification of academic under-achievers. In: MULLEN, L. M., ed. *Guidance for the underachiever with superior ability*. Washington, U.S.G.P.O., 1961. p. 15-27.
39. SHAW, M.C.; EDSON, K.; BELL, H. The self-concept of bright underachieving high-school students as revealed by an adjective checklist. *Personnel and Guidance Journal*, Washington, 39: 193-6, 1960.

40. TAYLOR, R. G. Personality traits and discrepant achievement: a review. *Journal of Counseling Psychology*, Columbus, 11:76-81, 1964.
41. WILLIAMS, R. L. & COLE, S. Self-concept and school adjustment. *Personnal and Guidance Journal*, Washington, 46:478-81, 1968.
42. WYLIE, R. C. *The self-concept*; a critical survey of pertinent research literature. Lincoln, University of Nebraska Press, 1974.
43. ZIMMERMAN, I. L. & ALLEBRAND, G. N. Personality characteristics and attitudes toward achievement of good and poor readers. *Journal of Educational Research*, Bloomington, 59: 28-30, 1965.

#### A B S T R A C T

This is a methodological study in the field of psychometris, with the aim of adapting a self-concept scale (Janis-Field) to the Portuguese language. Study 1 describes the translation procedures and the establishment of the reliability of the translated scale. An  $\alpha$  of 0,86 was obtained with a sample of 286 students from the Colegio de Aplicação of the UFRGS. The reliability indices of each item were also verified through the item-corrected total score technique. Study 2 reports on the validity check wich was done by comparing scores on the test to teacher's categorization of students into high, meduim, and low self-concept.

(Recebido para publicação em 26.11.82)